



Pedro Brinca
economia@expresso.imprensa.pt

IRÃO: AMEAÇAS E OPORTUNIDADES

A operação militar conjunta dos Estados Unidos e Israel contra o Irão, a 28 de fevereiro de 2026, configura o episódio geopolítico mais disruptivo desde a invasão russa da Ucrânia. A morte do Líder Supremo Khamenei, a paralisação do tráfego no estreito de Ormuz — por onde transita um quinto do petróleo mundial — e a retaliação iraniana contra infraestruturas do Golfo, recolocaram a segurança energética no centro do debate europeu.

A Europa, que desde 2022 substituiu o gás russo por GNL (gás natural liquefeito) marítimo, está mais exposta a choques logísticos. O TTF (contratos de gás de referência na Europa) duplicou em poucos dias e o Brent ultrapassou os 85 dólares. Se a disrupção se prolongar, analistas admitem cenários acima dos 120 dólares por barril. A consequência imediata é o regresso de pressões inflacionistas que poderão forçar o BCE a reverter a descida das taxas de juro, travando a recuperação do continente.

Para Portugal, o quadro comporta ameaças e oportunidades. Nas ameaças, destaca-se a subida dos custos energéticos — os preços grossistas da eletricidade no mercado ibérico duplicaram nos primeiros dias de março —, a erosão da competitividade industrial e a desaceleração dos parceiros comerciais, com reflexo nas exportações. A inflação energética, propagando-se aos alimentos e

A variável determinante será a duração do conflito. Um cenário curto permitirá absorver o choque; um prolongado poderá empurrar a Europa para recessão

serviços, poderá comprimir o rendimento das famílias e dificultar a manutenção do excedente orçamental do OE 2026. A disrupção do espaço aéreo no Médio Oriente, região que se tornara a principal ponte aérea Europa-Ásia após o fecho do corredor russo-ucraniano, obriga ao reenaminhamento de rotas com tempos de voo e custos acrescidos. Este fator, conjugado com a subida do preço dos combustíveis, poderá travar fluxos turísticos de longa distância e penalizar a aviação europeia.

Todavia, Portugal dispõe de fatores de resiliência. A forte penetração das renováveis — hídrica, eólica e solar — confere ao país uma proteção que outros Estados europeus não possuem. Portugal não importa gás iraniano, abastecendo-se da Nigéria, dos EUA e, residualmente, da Rússia. No turismo, a instabilidade regional poderá redirecionar fluxos de curta e média distância para destinos percebidos como seguros. Esta crise reforça o argumento a favor da transição energética — domínio no qual Portugal está bem posicionado.

A variável determinante será a duração do conflito. Um cenário curto permitirá absorver o choque; um prolongado poderá empurrar a Europa para recessão e Portugal para um ajustamento doloroso, mitigado pela sua vantagem em energias renováveis e acesso ao gás natural vindo de África.